

ECOFILOTEOLOGIA: UMA PRÁXIS DE CONSCIENTIZAÇÃO E AMOR PELO PLANETA

ECOPHITHEOLOGY: A PRAXIS OF AWARENESS AND LOVE FOR THE PLANET

*Robersom Costa de Deus**

RESUMO: Este projeto se propõe a ser uma forma de análise do diálogo entre a filosofia ambiental de Roger Scruton¹ (1944-2020) e a teologia cristã, resultando em uma *práxis* da consciência ecológica, pautada na responsabilidade individual pelo amor ao planeta, e não em um brado apocalíptico. Considerando seu conceito de *oikophilia* versus o conceito de *oikophobia* e sua relação com uma teologia verde pensada seriamente na preservação do meio ambiente. A relevância deste artigo está em mostrar como o diálogo entre a filosofia e a teologia (*ecofiloteologia*) podem mostrar caminhos eficazes para a crise ambiental que ameaça as próximas gerações.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Scruton. *Oikophobia*. *Oikophilia*. Teologia.

ABSTRACT: This project aims to analyze the dialogue between Roger Scruton's (1944-2020) environmental philosophy and Christian theology, resulting in a praxis of ecological awareness, based on individual responsibility for love of the planet, and not on an apocalyptic cry. Considering his concept of *oikophilia* versus the concept of *oikophobia* and its relationship with a green theology that takes the preservation of the environment seriously. The relevance of this article lies in showing how the dialog between philosophy and theology (*ecophiloteology*) can show effective ways out of the environmental crisis that threatens the next generations.

Keywords: Environment. Scruton. *Oikophobia*. *Oikophilia*. Theology.

Introdução

Segundo o site Summit Mobilidade, o mundo vem sofrendo um processo de despertar para as questões ambientais a partir da segunda metade do século XX, mais precisamente no ano de 1972 com o evento realizado na cidade de Estocolmo chamado de Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Este evento serviu para chamar a atenção do mundo para a questão das causas ambientais. Tanto isso é verdade que logo após a convenção de Estocolmo, no ano de 1979 foi convocada a Primeira Conferência Mundial do Clima (WCC-1), sendo este, um evento impulsionador para o estabelecimento do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) em 1988. Em 1992 foi a vez do Brasil entrar de vez na discussão com a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED) no Rio de Janeiro, contando com a

* Arquiteto e Urbanista, Licenciado em História e Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: robersoncosta@uol.com.br

¹ Foi um filósofo e escritor inglês, cuja a especialidade era a estética.

participação de 175 países, foi a maior reunião de líderes mundiais da época. Já próximo da virada do século, foi a vez das COPs começando em 1995 em Berlim, depois em 1997 em Kyoto², chegando atualmente a COP 28 em 2023, tendo como anfitrião os Emirados Árabes Unidos com a participação de 195 nações, com a declaração “socorro, recuperação e paz”³.

Esse despertar na segunda metade do século XX, parece ter ocorrido após um cenário de pânico global proporcionado por intelectuais e ambientalistas da época. Previsões alarmistas passaram a fazer parte desse contexto, em 1968 Paul Ehrlich disse que o crescimento populacional era maior do que o aumento na produção de alimentos nos países subdesenvolvidos e que pessoas iam dormir com fome, começando assim um movimento de pânico global, no qual previa-se um crescimento populacional que causaria ondas de fome, já na década de 1970⁴. Novamente em 1972 e 1973, grande número de cientistas começaram a prever um resfriamento catastrófico na terra, estampando as páginas do *The New York Times*, e o *Science Digest* com as manchetes: “O Resfriamento global é Inevitável” e “Outra era glacial”⁵.

É nesse cenário apocalíptico e de despertar que se inicia o século XXI, com o aumento da preocupação relacionado ao planeta. Em 2015 o papa Francisco traz um apelo urgente diante do “desafio de proteger a nossa casa comum” com a preocupação de unir todas as forças na “busca de um desenvolvimento sustentável e integral” possibilitando um futuro melhor para as próximas gerações. E, neste mesmo documento, faz “um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta” com a necessidade” de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e tem impacto sobre todos nós”⁶. Já em 2023, em outro documento, demonstra sua insatisfação com um reagir insatisfatório, inclusive a não assertividade de algumas Conferências climáticas, como a COP 15 de 2009⁷. A partir destes documentos do início do século XXI, pode se perceber que algo de novo e positivo acontece, há um despertar da religião, onde as comunidades de fé são convocadas a fazer ou a ser parte da resolução do problema ambiental.

² <https://summitmobilidade.estadao.com.br/sustentabilidade/conferencias-ambientais-quais-foram-as-principais-da-historia/>

³ <https://www.cop28.com/en/cop28-declaration-on-climate-relief-recovery-and-peace>

⁴ EHRlich, Paul R. *The population bomb*. Ballantine BOOKS New York, 1968, p. 18

⁵ Walter Sullivan, “Scientists Ask Why World Climate is Changing; Major Cooling May be Ahead”, *The New York Times*, 21 de maio de 1975; Douglas Colligan, “Brace Yourself for Another Ice Age”, *Science Digest*, fevereiro de 1973, p. 57-61.

⁶ Papa Francisco, *Laudato SI'*, 13 e 14

⁷ _____, *Laudate Deum*, 3 e 44

Por toda essa efervescência de preocupação acontecendo, não é exagero dizer que a pauta meio ambiente passa ser legítima, ganhando contornos de destaque nos dias atuais. Mas, a grande pergunta que se faz diante dessa pauta é: será que a forma de lhe dar com a questão ambiental tem sido a maneira correta? Será que a maneira apocalíptica e aversiva tem se apresentado como a melhor maneira de lhe dar com essas questões? Por isso a proposta do presente artigo vem apresentar uma outra forma de enfrentar o problema, promovendo um diálogo entre a filosofia e a teologia, pautada no conceito de Roger Scruton entre *oikophobia* versus *oikophilia* com a teologia bíblica. O método da pesquisa a ser seguido será o bibliográfico e o investigativo. Na primeira parte, o bibliográfico se apresentará em duas partes, o conceito de *oikophobia* e *oikophilia*, já na segunda parte se faz necessário o uso da teologia, com a investigação do texto bíblico.

OIKOPHOBIA

No pensamento de Roger Scruton sobre o meio ambiente, existem dois conceitos fundantes que vão nortear suas pesquisas na direção de uma boa proposta para os problemas ambientais da atualidade. Esses conceitos são: *oikophobia* e *oikophilia*. Os quais descritos abaixo.

O termo *oikophobia* parece carregar um conceito novo e um significado distante da realidade cotidiana das pessoas comuns⁸, criando a sensação de apenas transitar nas esferas intelectuais e filosóficas. Mas o fato de não ser percebido nas camadas populares, não significa que não esteja presente e a bastante tempo em toda a sociedade, sendo confundida com marcas da modernidade. Benedict Beckeld em seu livro *Western Self-Contempt: Oikophobia in the Decline of Civilizations*⁹ (Autodesprezo Ocidental: Oikofobia no Declínio das civilizações), diz que o primeiro caso de *oikophobia* aconteceu na Grécia com o surgimento do ocidente, e que o ocidente se depara continuamente com a *oikophobia*. Isso pode ser percebido quando professores nas escolas e universidades ensinam seus alunos que a história da civilização ocidental tem sido excepcionalmente má em sua colonização, e tendem a descolonizar seus departamentos tornando os menos eurocêntricos do que já se tornaram, sendo percebido também quando o agitar da própria bandeira nacional é criticado. A *oikophobia*, como um

⁸ Por pessoas comuns se entende pela população que vive seu dia a dia sem se preocupar com conceitos filosóficos, teológicos e científicos, ou que vivem alheias sem se aprofundar com os acontecimentos atuais e que ganharam papel de destaque nos veículos de comunicação.

⁹ Benedict Beckeld apresenta uma leitura sistemática do conceito de *oikophobia*.

relativismo moral tem seus primeiros vestígios na Grécia, foi adotada por Alexandre (O grande) na fusão entre estado e cultura como forma de domínio, que só poderá ocorrer quando as verdades e os valores dessas culturas tiverem sido diluídos até uma falta de sentido aquoso. Afirmações no sentido de que todos são realmente iguais e que algo é verdadeiro se alguém acredita que é e só podem ser feitas quando as pessoas abandonarem os núcleos de suas próprias culturas¹⁰.

Segundo Scruton, desde o final de Segunda Guerra Mundial, o ocidente não ignora o sistemático escárnio desferido contra as lealdades históricas que “procuravam descartar as formas tradicionais de patriotismo e os apegos regionais, rotulando-os de racistas, imperialistas ou xenofóbicos”. Para denotar essa atitude, Scruton define o uso do termo *oikophobia* em “analogia ao termo xenofobia”, sendo esse discurso um acusador do mundo¹¹. No entanto, o termo não quer dizer medo do lar, mais precisamente, quer dizer “repúdio do lar”¹².

“*Oikophobia* é o estágio normalmente percorrido pelo adolescente” que adere as dinâmicas de repúdio ao lar. “Mas esse sentimento é também um estágio no qual algumas pessoas – especialmente os intelectuais – tendem a se prender.” Esse sentimento de *oikophobia* não é uma tendência específica de uma única cultura. Em alguns lugares expressam todo o desprezo que sentem por uma cultura nacional. Uma forma crônica de *oikophobia* tem se espalhado pelas universidades que em suas palestras e escritos validam o discurso do “politicamente correto”, o que nada mais é que, repúdio aos valores tradicionais, e que às vezes, vem disfarçados como tendência em direcionar o sucesso de alguém ou de algo como o único culpado por tudo que acontece de errado no mundo. Em todas as suas versões, essa *oikophobia* faz surgir o que Scruton chama de “cultura do repúdio”, e que rapidamente tem se espalhado nas escolas e no universo acadêmico.¹³

Scruton, se aprofundando um pouco mais no termo, diz:

As raízes desse sentimento se depositam em camadas mais profundas que a razão, e é mesmo improvável que qualquer argumento seja capaz de erradicá-lo, ou fazer qualquer grande diferença aos olhos dos que sofrem de *oikophobia*, a não ser desprestigiar ainda mais aquele que procura oferecer bons argumentos. [...] Os *oikofóbicos* definem seus objetivos e ideais *contra* as formas tradicionais de associação: contra o lar, contra a família, contra a nação. [...] veem a si mesmos como paladinos de um universalismo esclarecido em sua cruzada contra as forças do chauvinismo local¹⁴.

¹⁰ BECKELD, 2022.

¹¹ SCRUTON, 2016, p. 221.

¹² Ibidem, p. 222.

¹³ Ibidem, p. 222.

¹⁴ Ibidem, p. 223.

Nesse conceito filosófico, “*oikophobia* não significa indiferença; ao contrário, é uma forma de repúdio íntimo, semelhante à dos jovens contra os pais durante a crise da adolescência.” Dessa forma, o estrago que eles causam ao meio ambiente, “é incomparavelmente diferente do estrago causado pelos negligentes que sujam o meio ambiente, ou até mesmo pelos exploradores do meio ambiente.” Essa forma de repúdio, é muito mais perigoso, “na medida em que atua de forma incansável e implacável, não cabendo um milímetro ao que lhe parece odioso.” Para os oikofóbicos não existem diálogos, nem união apenas são representados por grupos radicais que dão voz ao seu apelo natural, e vencer significa colocar regulamentações, além de inserir uma burocracia na intenção de forçar a vigência e a aplicação de novas normas. “Não obstante, a lei das consequências indesejadas entrará imediatamente em ação a fim de garantir que o objetivo seja derrotado”¹⁵.

Fontana, descrevendo a preservação do meio ambiente na perspectiva de Roger Scruton, afirma que a noção de *oikophobia* nos dias atuais podem enfraquecer a melhor maneira de preservação do meio ambiente¹⁶. Isso acontece porque tornam os problemas ambientais insolúveis, uma vez que tal sentimento anula a única motivação que se conhece para uma verdadeira resolução dos problemas ambientais¹⁷. Para os oikofóbicos, caso tenham algum esquema de preservação ambiental, o colocarão, rapidamente, “sob a ingerência de uma ONG ativista, fazendo campanha com soluções de cima para baixo, nas quais as opiniões e as iniciativas das pessoas comuns são ignoradas”, o que não é bom para as iniciativas de preservação que derivam da relação amorosa com o território, visto como morada comum¹⁸.

OIKOPHILIA

O conceito de *oikophilia* é um dos pilares mais importantes em que Scruton se apoia, que consiste no amor que um indivíduo tem do seu lar. O amor ao lar tem início nas necessidades básicas do ser humano, como alimento e segurança, mas sua forma de se espalhar em nosso ambiente ocorre em modos mais misteriosos e menos notadamente interesseiros. É caracterizado como um chamado a responsabilidade, reprovando uma visão calculista das coisas, por isso exorta todos a amar, em vez de usar; a respeitar, em vez de explorar. Esse

¹⁵ Ibidem, p. 224-226.

¹⁶ FONTANA, 2022, p. 54.

¹⁷ SCRUTON, 2016, p. 223

¹⁸ Ibidem, p. 224.

despertar amoroso convida a todos a perceber o “doce lar” do mesmo jeito que as pessoas são percebidas, não somente como meio, mas como fins¹⁹.

Em Scruton, fica evidente que o despertar para esse sentimento de *oikophilia* passa pelas motivações que todos devem ter, como uma força motriz que impulsiona e movimenta em direção ao cuidado individual. Sobre motivações que levam a transformações de ações humanas, Heath diz que segundo a psicologia humana, o cérebro é dividido em duas partes, uma o lado racional e outra o lado emocional. Para uma mudança ocorrer os dois precisam trabalhar em equipe, mesmo que o lado racional esteja convencido de que tal ação é o certo a ser feito, se o lado emocional não for motivado corretamente nada acontecerá. O lado racional é comparado a um pequeno condutor e o lado emocional a um enorme elefante, sendo assim, para que haja a mudança o elefante precisa de boas motivações²⁰. Por isso, segundo Scruton as motivações que levam as ações na preservação do meio ambiente precisam ser transformadas com boas alavancas. O amor ao lar absorve e transforma as motivações auxiliares, duas dessas são dignas de atenção, uma vez que são elas que inspiram a maior parte dos movimentos mais expressivos de preservação em tempos atuais, são elas: “o amor à beleza e o respeito ao sagrado”, ambas estão conectadas e precisam ser juntamente resgatados do ímpeto humano de explorar e destruir²¹.

Na perspectiva da beleza, Han ao descrever a arte de Jeff Koons diz que a mesma “exibe uma dimensão soteriológica. Promete uma redenção”. E para Jeff Koons a arte, “não é senão “beleza”, “alegria” e “comunicação””.²² Essa dimensão de salvação que precisa ser resgatada na intenção de preservação do planeta. Como no reconhecimento de sua beleza natural, que produz alegria e que revela a ação de um Deus que se comunica através de todo elemento criado, não somente seres humanos, mas todos seres vivos inclusive e também seres abióticos.

Sobre o sagrado, Scruton traz a seguinte questão de forma simples: “será que o sagrado é meramente uma invenção humana, ou ele vem até nós de Deus?”²³ Em sua perspectiva, Deus não somente existe, como é único e, como o Deus do Antigo Testamento convida a todos a entrar no reino da aliança, e exige que todos acreditem nisso. Mas, o que dificulta essa compressão são duas perguntas de difícil respostas: “como é possível que um e o mesmo ser devem estar fora do tempo e do espaço, e ainda assim ser encontrado como um sujeito dentro desse mesmo tempo e espaço”. A resposta fornecida por muitos pensadores monoteístas, desde

¹⁹ Ibidem, p. 227.

²⁰ HEATH, 2010, p. 15-18.

²¹ SCRUTON, 2016, p. 227.

²² HAN, 2019, versão epud

²³ SCRUTON, 2022, p. 196.

Tertuliano até Kierkegaard para essas perguntas é: “que a fé floresce no absurdo, já que, ao abraçar o absurdo, silenciemos o intelecto racional”. Mas Scruton acredita que a resposta mais plausível seja: “que a fé pede que aprendamos a viver com mistérios, e não varrê-los para embaixo do tapete – pois, ao fazermos isso, também varremos o rosto do mundo”²⁴, e nessa compreensão a alma do mundo, Deus.

A beleza em Scruton pode ser percebida em tudo que é visto, tanto no que é natural, quanto no que é construído, ela está intrínseca em toda categoria ontológica e se faz presente em todos os que vivem no mundo físico²⁵. Apreciar esse valor intrínseco das coisas belas, é o que a torna valiosa e útil, transformando em uma relação de amizade que contrasta com hábitos exploradores de um mundo utilitarista a colocar preço em tudo. Tratar o lar como um amigo valioso não pelo que faz ou pelos propósitos a que serve, mas sim pelo que é, uma amizade surpreendentemente útil desde que não se tenha por sua utilidade²⁶. Dessa forma, o sentimento de *oikophilia* caminha em direção a amizade e no valor intrínseco da beleza.

Ainda sobre a beleza, Scruton afirma:

A atitude estética é um refúgio contra o consumismo, uma forma inegavelmente importante de restaurar a esfera dos valores intrínsecos e, portanto, um lugar onde estejamos espiritual e moralmente em casa. É uma profilaxia contra o desejo de pilhar, e o melhor amigo do meio ambiente. [...] as boas maneiras são vizinhas das escolhas estéticas.²⁷

É a partir desse conceito de amor ao lar, através do amor a beleza e respeito ao sagrado que Scruton enxerga a religião, como um rebento da *oikophilia*. “Trata-se de um uso da religião que está bem distante das paixões violentas dos necessitados” e que seja manifesto no mais absoluto da expressão da palavra piedade²⁸. Essa afeição da religião é um exemplo que nos mostra a “centralidade da beleza na construção de um lar, e, portanto, no estabelecimento de um ambiente compartilhado. Quando surge a motivação de compartilhar, procuramos normas e convenções que possamos aceitar.”²⁹

A *oikophilia* traz uma abordagem aos problemas ambientais que passam pelas afeições locais que tornando-as centrais, partindo de uma responsabilidade individual que convida todos

²⁴ Ibidem, p. 206, 207.

²⁵ SCRUTON, 2013, p. 9.

²⁶ SCRUTON, 2016, p. 228, 229.

²⁷ Ibidem, p. 233,234.

²⁸ Ibidem, p. 236.

²⁹ Ibidem, p. 236.

a participarem de um amor comum pelo lar. Segundo Scruton esse “é o sentimento de *oikophilia* que ainda nos oferece a maior esperança, tanto no âmbito global quanto no regional.”³⁰

Partindo desse pensamento Scruton afirma que:

A solução dos nossos problemas ambientais encontra-se aqui ou em lugar nenhum: ou nos voltamos para a contemplação do lar, e aprendemos a cuidar dele, ou continuaremos vagando sem rumo pelo tempestuoso mar de causas, agendas e pânico, perseguindo objetivos pomposos, ainda que dotados de meios mirrados, nunca sabendo se estamos de fato realizando ou frustrando nossos propósitos.”³¹

TEOLOGIA BÍBLICA

No tópico anterior foi apresentado uma breve análise do conceito de *oikophobia* e *oikophilia* baseado na perspectiva filosófica de Roger Scruton na tentativa de provar que o melhor caminho a ser seguido na preservação do meio ambiente é o do amor ao lar. Neste ponto será realizado um breve estudo do texto bíblico de Gênesis sobre a criação e suas ramificações na tentativa de reparar dois erros que vem ocorrendo frequentemente, nas interpretações bíblicas: 1. A má hermenêutica e exegese; 2. A desqualificação do valor semântico e o seu significado, e como disse Bailey, “a análise retórica dos textos bíblicos é como tocar saxofone: é fácil fazer mal feito”.³²

Silva citando Branco Jr, diz que o mesmo afirma veementemente que os responsáveis pela crise ecológica do planeta foram o chamado mundo ocidental cristão. E ainda conforme Branco Jr., ele afirma:

segundo as matrizes de todos os nossos problemas ambientais e ecológicos estão fundamentadas na concepção antropológica judaico-cristã. A afirmação da narrativa bíblica do homem criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26) é, portanto, hierarquicamente superior aos demais seres vivos, possibilitando a formatação de uma mentalidade, onde em última instância o que predomina é a noção dualista entre o homem e a natureza.³³

Esse caminho de acusação de Branco Jr. parece não ser o melhor caminho para uma possível solução do problema, pois transita mais pelo conceito de *oikophobia* do que *oikophilia*. A pergunta que se faz é: se todo o mundo ocidental cristão fosse retirado do planeta, estaria melhor a situação do meio ambiente? Tudo indica que o cristianismo ocidental não seja a raiz do problema, mas sim a solução do problema. A compreensão de Gênesis 1.26 não pode ser

³⁰ Ibidem, p. 259.

³¹ Ibidem, p. 331.

³² BAILEY, 2016, p. 19.

³³ SILVA, 2010, p. 134.

perversa em prol de um dos lados, não pode ser entendido isoladamente e nem em uma perspectiva simplista.

O texto da gênese humana³⁴ apresenta o uso de duas palavras que se destacam a partir de uma leitura repetitiva, as quais não podem passar despercebidas. A primeira é a palavra “imagem” (צֶלֶם) aparece três vezes no texto, sendo duas com sufixo pronominal.³⁵ Schökel traduz o termo como imagem, figura, reprodução, estatua e escultura³⁶. Sobre o seu significado Harris diz que basicamente a palavra se refere a uma representação e aparece cinco vezes com respeito ao homem ser criado a imagem de Deus.³⁷ A segunda que aparece, uma vez, é a palavra “semelhança” (דְּמוּת), e além desse significado, Schökel acrescenta algumas possibilidades, como cópia, retrato. Imitação.³⁸

Sobre os termos que aparecem quatro vezes no texto, Harris observa que a única relação entre eles, só acontecem nesse texto. “Em nenhuma outra passagem do A.T. esses dois substantivos são paralelos ou relacionados um com o outro”³⁹, o que não significa que foi usada apenas como sinônimos, mas com função de distinguir Deus dos seres humanos.⁴⁰ De acordo com Waltke a expressão “imagem de Deus” é utilizada exclusivamente com referência aos seres humanos e, dessa forma, os separa das outras criaturas. Enquanto as outras criaturas são criadas “segundo a sua espécie” (Gn 1.21, 24-25), a humanidade é criada a “imagem de Deus”. Sua criação à imagem de Deus estabelece o papel da humanidade na terra e facilita a comunicação com divino. O termo imagem refere-se a uma estátua neste contexto, indicando que um ser humano é uma unidade psicossomática, inseparável da noção de servir como um representante, como governante no lugar da divindade. O homem é designado rei sobre a criação, responsável perante Deus, o supremo rei, e como tal deve administrar, desenvolver e cuidar da criação, sendo que o trabalho físico está incluído nesta tarefa.⁴¹

Francisco afirma que a imagem de Deus no homem é característica a todos homens, mas não dos animais, e que os termos imagem e semelhança tem a ver como um filho que é a própria imagem do pai. Os reis antigos colocavam tais efigies de si mesmos nas cidades que governavam.⁴² A ideia é que os seres humanos são tais como essas efigies representando Deus

³⁴ Gênesis 1.26-31.

³⁵ É utilizado para expressar de forma clara e precisa a posse e a relação entre objetos e pessoas na língua hebraica.

³⁶ SSHÖKEL, 1997, p. 561.

³⁷ HARRIS, 1998, p.1228.

³⁸ SSHÖKEL, 1997, p. 158.

³⁹ HARRIS, 1998, p. 437.

⁴⁰ WALTKE, 2019, p. 78.

⁴¹ WALTKE, 2019, p. 76-77.

⁴² FRANCISCO, 1986, p. 177-178.

como o grande governador de tudo, e os homens apenas representantes. Harris diz que o homem “não é apenas representativo, mas representação. O homem é o representante visível, corpóreo, do Deus invisível, incorpóreo.”⁴³

A partir desta análise do texto, fica evidente que o homem (ser humano) exerce uma função de destaque na criação, não é à toa que o N.T. descreve que: “Fizeste-o (ser humano), por um pouco, menor que os anjos”⁴⁴, ignorar isso é desrespeitar a intenção do autor e de Deus. A questão teológica do texto, não está em ignorar a forma da criação ou a intenção de Deus materializada no texto, mas está em como se dá esse destaque em relação à maneira do homem se relacionar com toda a criação, inclusive com o próprio Deus. Sobre o relacionamento do homem com toda a criação, Francisco faz excelente acréscimo:

Tem sido a tragédia da história do homem que ele pensou que o domínio sobre a natureza que lhe havia sido dado, era para o seu benefício pessoal. Assim pensando, ele esbanjou os recursos da terra. Agora está começando a perceber que o seu domínio consiste na responsabilidade de ajudar cada aspecto da natureza a atingir o seu alvo mais elevado. Em certo sentido, ele deve juntar-se a Deus, na tremenda tarefa de continuar a obra da criação.⁴⁵

Esse acréscimo de Francisco possibilita compreender a relação e a harmonia de Gn 1.26 com Gn 2.15 na real função do homem no Éden, “cultivar e guardar”, que deve ser entendido a base da expressão “imagem de Deus”, cuidar como Deus cuidaria de toda a criação.

Há que se considerar que o relacionar cuidadoso do homem com toda a criação passa por dois aspectos importantes: como Deus a vê e como quer se relacionar com o homem. Pelo olhar satisfeito de Deus com sua perfeita e maravilhosa obra, descrito em Gn 1.31 “era muito bom”, a beleza estampada da criação como uma grande obra de arte digna de ser admirada. E pela amizade, descrita em Jo 15.14 “vos sois meus amigos”, que não descreve uma amizade qualquer, mas uma amizade na base do amor.

O respeito a Deus e a sua criação precisa ser vista a partir do texto da gênese como um relacionamento que se baseia na contemplação da própria criação e na amizade do homem com Deus que precisa refletir na amizade com a mesma em um sentimento de amor pelo nosso lar (o planeta), a casa comum.

⁴³ HARRIS, 1998, p.438.

⁴⁴ Hebreus 2.7 – versão (ARA).

⁴⁵ FRANCISCO, 1986, p. 179.

Considerações finais

O presente estudo se propôs a criar um diálogo entre a perspectiva filosófica de Roger Scruton sobre o conceito de *oikophobia* e *oikophilia* com a teologia bíblica e, a partir dessa análise propor um labor filosófico e teológico, no intuito de contribuir com uma solução que seja possível e mais eficaz do que os métodos atuais na questão do problema ambiental e que resulte em uma *práxis* diária comum a todos.

Na primeira parte do estudo foi apresentado as principais ideias da perspectiva filosófica de Roger Scruton sobre *oikophobia* e *oikophilia*. No conceito filosófico Roger Scruton expõe dois caminhos principais que se contrapõem entre si, praticamente duas alternativas são apresentadas a sociedade atual como forma de resolver a questão do meio ambiente. Uma é através da *oikophobia* que adota a “cultura do repúdio” e se baseia na visão apocalíptica como forma de lidar com a crise ambiental. A outra forma de lidar com essa crise é através da *oikophilia* que adota a cultura do amor ao lar e se baseia na esperança, sendo esta, a mais eficaz nesse enfrentamento.

Na segunda parte foi apresentado uma breve proposta teológica para o texto bíblico da gênese humana, mostrando que o erro que ocorre não está na questão de destaque do homem em relação a toda a criação, mas na relação de como o homem se relaciona com Deus e com toda criação. Favorecendo assim uma perspectiva pautada no cuidado, contemplação, amizade e amor.

A partir do exposto acima pode ser percebido o que o jornal Cipriano Parikiaki de Londres afirmou:

A *oikophilia* é um princípio de valor para o pequeno, o local e o privado. As coisas mais importantes que as pessoas constroem, ainda mais importantes do que as catedrais e as grandes obras de arte e música, não são principalmente o resultado do planejamento. Eles se desenvolvem ao longo do tempo, por tentativa e erro, como trabalho de muitas mãos. [...] Reconhecendo isto, procuramos proteger estas coisas contra aqueles que as querem destruir devido a um zelo equivocado pelo que consideram como exigências de liberdade, igualdade ou justiça social.

Na tradição judaico-cristã, o conceito de amor ao lar tem raízes profundas no conceito de identidade religiosa e cultural. A Bíblia Hebraica está repleta de histórias que enfatizam uma terra sagrada. Não é apenas um espaço geográfico, mas um símbolo de aliança e identidade.

Da mesma forma, no cristianismo, o conceito de lar transcende o mundo físico. O Novo Testamento enfatiza a dimensão espiritual de pertencimento.

Este vínculo comunitário estende-se além dos laços familiares para abranger uma comunidade mais ampla unida por valores partilhados.⁴⁶

Do diálogo entre a filosofia e a teologia pode se afirmar que o conceito filosófico de oikophilia é um conceito teológico judaico-cristão. Por isso o presente artigo sugere a oikophilia como prática mais eficaz de combater a crise ambiental, através do amor ao lar, para toda a sociedade, mesmo que ela se encontra na situação que Bernardin descreveu, e como solução para todos.

Nossa época pós-cristã, que parece haver esquecido até mesmo o nome de Deus, não ignora, entretanto, certa sacralidade. As maravilhas da natureza nos atraem de forma inesperada, e qualquer universo mental hermeticamente fechado se rompe bruscamente diante do espetáculo da abóboda celeste, do oceano ou dos cumes montanhosos. Ao reportar a natureza a seu Criador, ou ao perceber que ele mesmo não está acima dessa mesma natureza, o homem vê seu orgulho ferido contra a majestade do universo. Diante do mistério da criação, cada um de nós volta a ser a criança a despertar para o mundo, a criança que nunca deixamos de ser. O Pai celeste se faz conhecer por meio do que foi feito (Rm 1: 20). O livro da natureza é exposto pelo Criador – em seguida Ele nos guia até o ser, abre-nos à metafísica, introduz-nos à causalidade e à finalidade. As criaturas manifestam a sabedoria, a bondade e o poder divinos; e nossos conhecimentos e conceitos provêm todos desses mesmos atributos. “Eles não entendem os atos de Javé, nem as obras de suas mãos. Que Ele os arrase e não os reconstrua!” (Sl 28, 5). O respeito pela natureza forma assim um alicerce intelectual e emocional sobre o qual todos podem se basear: tanto o crente, respeitoso à obra divina, quanto o descrente, tomado pela majestade e beleza da natureza. Necessidade filosófica e religiosa para o homem de fé, necessidade concreta e racional para os outros, vítimas da poluição e da degradação do meio ambiente.⁴⁷

A solução proposta precisa ser pautada na conscientização e no amor, e não em um brado apocalíptico, dessa forma, levando a uma prática mais afetiva de cuidado às comunidades eclesiais e que possa contagiar e envolver o mundo todo nesse propósito. Como gota de colírio em olhos embaçados que conseguem enxergar somente o caos no que diz respeito ao meio ambiente e nas catástrofes climáticas que vem acontecendo no mundo, a *oikophilia* é uma profilaxia de amor ao planeta.

Referências

ALONSO SCHÖKEL, Luiz; *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

BAILEY, Kenneth E. *Jesus na ótica do Oriente Médio: estudos culturais sobre os Evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

⁴⁶ <https://www.parikiaki.com/2024/03/oikophilia-the-love-of-home/>

⁴⁷ BERNARDIN, 2015, p. 7.

BERNARDIN, Pascal. *O império ecológico: ou a subversão da ecologia pelo globalismo*. Campinas: Vide Editorial, 2015.

BECKELD, Benedict. *Western Self-Contempt: Oikophobia in the Decline of Civilizations*. DeKalb, Illinois: Northern Illinois University Press, 2022.

COLLIGAN, Douglas. “Brace Yourself for Another Ice Age”, *Science Digest*, fevereiro de 1973, p. 57-61.

EHRlich, Paul R. *The population bomb*. New York: Ballantine Books, 1968.

FONTANA, Douglas Cristian. *O dever fundamental de preservação do meio ambiente na perspectiva de Roger Scruton*. Revista da ESMESC, v.29, n.35, p.40-60, 2022.

FRANCISCO, Clyde T. In: ALLEN, Clifton J. (ed, ger.). *Comentário Bíblico Broadman: Velho Testamento. VOL. 1*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1986.

HARRIS, R. Laird (org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

HEATH, Chip e Dan. *A guinada: maneira simples de operar grandes transformações*. Rio de Janeiro: Best Business, 2010.

SCRUTON, Roger. *Filosofia verde: como pensar seriamente o planeta*. 1ª ed. São Paulo: É Realizações, 2016.

_____. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2013.

_____. *A alma do mundo*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

SILVA, Elias Gomes da. *Religiosidade e meio ambiente: das críticas dos ambientalistas à construção de uma teologia*. Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952x vol. 4, n.6, jun/dez, 2010, pp. 132-140

SULLIVAN, Walter. “Scientists Ask Why World Climate is Changing; Major Cooling May be Ahead”, *The New York Times*, 21 de maio de 1975.

WALTKE, Bruce K. *Comentários do Antigo Testamento – Gênesis*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'*: Sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015:https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

FRANCISCO, Papa. *Laudate Deum: A todas as pessoas de boa vontade sobre a crise Climática*. Vaticano, 2023:
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html

<https://summitmobilidade.estadao.com.br/sustentabilidade/conferencias-ambientais-quais-foram-as-principais-da-historia/>

<https://www.cop28.com/en/cop28-declaration-on-climate-relief-recovery-and-peace>

<https://www.parikiaki.com/2024/03/oikophilia-the-love-of-home/>

Recebido em: 07/05/2025

Aprovado em: 14/06/2025